



## **O LABOR CRIATIVO DE AUGUSTO RODRIGUES NA CRIAÇÃO DAS ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL E DO JORNAL ARTE & EDUCAÇÃO**

### **THE CREATIVE LABOR OF AUGUSTO RODRIGUES IN THE CREATION OF THE LITTLE ART SCHOOLS OF BRAZIL AND THE ART & EDUCATION NEWSPAPER**

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781822022128>

**Regiane Rodrigues Araújo**  
Universidade Federal do Ceará  
[regianearaujo@hotmail.com](mailto:regianearaujo@hotmail.com)

**Patrícia Helena Carvalho Holanda**  
Universidade Federal do Ceará  
[patriciaholanda2003@yahoo.com.br](mailto:patriciaholanda2003@yahoo.com.br)

#### **RESUMO**

A primeira *Escolinha de Arte do Brasil* e o jornal *Arte & Educação*, representam o “labor criativo” de Augusto Rodrigues, intelectuais, artistas e professores que fizeram da citada *Escolinha* e do periódico em foco, espaço de informação e formação no campo da Educação através da Arte na segunda metade do século XX. O objetivo é compreender esse “labor criativo” e formativo, bem como o legado artístico, educacional e cultural desse período. A metodologia contou com a investigação bibliográfica de acordo com Gil (2002), além de fonte hemerográfica situada nos estudos de Jucá (2003). O referencial teórico desta análise está alicerçado nos seguintes autores: Herbert Read (1986, 2007); Dewey (2010); Barbosa (2015); Bachelard (2003); Britto e Palma (2019); Miranda (2009) e outros. A pesquisa trouxe como resultado as seguintes conclusões: Augusto Rodrigues influenciou toda uma geração de arte-educadores e educadoras no Brasil e em outros países que tiveram conhecimento acerca da sua vida, obra e trabalho. O *Arte & Educação*, foi um dos primeiros periódicos de circulação de ideias voltadas ao campo não somente da educação através da Arte, mas da educação em diversos contextos formativos e expressivos.

**Palavras-chave:** *Escolinha de Arte*; Augusto Rodrigues; *Arte & Educação*.

#### **ABSTRACT**

The first *Escolinha de Arte do Brasil* – EAB (Little Art School of Brazil) and the newspaper *Arte & Educação* (Art & Education) represent the “creative labor” of Augusto Rodrigues, scholars, artists and teachers. All of whom transformed the school and the newspaper in a space of information and development in the field of education through art during the second half of the 20th century. The objective is to understand this developmental and “creative labor”, as well as the artistic, educational and cultural legacy of this period. The methodology consisted of bibliographic investigation, in line with Gil (2002), in addition to a source of periodical catalogs around the work of Jucá (2003). The theoretical framework of this analysis is supported by the following authors: Herbert Read (1986, 2007); Dewey (2010);



Barbosa (2015); Bachelard (2003); Britto and Palma (2019); Miranda (2009), among others. The research reached the following conclusions: Augusto Rodrigues has influenced a whole generation of art educators in Brazil and other countries that have had knowledge of his life, opus and labor. The *Art & Education* was one of the first periodicals to spread ideas not only of education through art but also of other developmental and expressive contexts.

**Keywords:** Little Art School; Augusto Rodrigues; Art & Education.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta investigação estabelece uma articulação histórica entre a Arte e a Educação por meio da criação da primeira Escolinha de Arte do Brasil - RJ (1948). Aponta as contribuições culturais, educacionais e formativas do Jornal *Arte & Educação* – o jornal da Escolinha. Aborda, também, a importância do Artista e poeta brasileiro Augusto Rodrigues – expoente no Movimento Escolinhas de Arte.

Nessa perspectiva, Read (1986, p. 21) leciona que “A Arte, pode-se dizer, é um modo de educar – não tanto como matéria de ensino como método de aprendizado de toda e qualquer matéria”. Portanto, pensamos que era assim o trabalho de Augusto Rodrigues através da criação das Escolinhas, era como método de aprendizado de toda e qualquer matéria.

Nesse sentido, surgiu a problemática deste estudo: quais as contribuições formativas da Escolinha de Arte do Rio de Janeiro e do Jornal *Arte & Educação* para o desenvolvimento da Educação através da Arte no Brasil?

Quanto ao objetivo da presente investigação, esse consistiu em compreender o “labor criativo”, ou seja, o trabalho criativo e formativo de Augusto Rodrigues na criação das Escolinhas de Arte do Brasil (EAB) e do periódico *Arte & Educação*, bem como o legado educacional e cultural desse movimento para as futuras gerações.

A metodologia contou com o uso da pesquisa biográfica a respeito do Artista plástico e educador Augusto Rodrigues. Contou, ainda, com a estruturação do quadro teórico que compõe nossos estudos, considerando as contribuições teóricas feitas por Gil (2002) ao apontar que o estudo bibliográfico é elaborado com base em materiais concretos, tais como livros e artigos científicos. Nessa perspectiva, a



investigação bibliográfica nos permite o contato teórico com outros fatos e, assim, ajuda a ampliar nosso conhecimento acerca do objeto de pesquisa.

Quanto à hemerografia, Jucá (2003, p. 63) diz que “[...] é bom não esquecer que os jornais, embora constituindo uma valiosa fonte de consulta, representam, em especial, um canal transmissor de um posicionamento ideológico [...]”. Para o historiador retrocitado, esse posicionamento ideológico vai ao encontro dos objetivos estabelecidos pela entidade de comunicação à qual pertencem. Ante essas considerações, tivemos o cuidado em observar os limites e os avanços nos discursos contidos no periódico referendado nessa investigação.

Vale destacar que tivemos acesso à boa parte das informações acerca do início da Escolinha de Arte do Brasil (EAB) por meio de três principais fontes teóricas: a primeira delas, a mais recente contribuição, trata-se do livro *Escolinha de Arte do Brasil: memória e legado*, publicado em 2019 pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e organizado pelos professores Jader de Medeiros Britto – editor do primeiro número do *Jornal da Escolinha de Arte*, o *Arte & Educação*, em 1970 – e Alexandre Palma, ambos ligados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O volume em foco dispõe de depoimentos de pessoas que fizeram e fazem parte da Escolinha, gente que vivenciou o Movimento da Educação pela Arte no Brasil.

A segunda fonte de pesquisa é essencialmente hemerográfica, uma vez que nos reportamos à *Coletânea do Jornal de Arte e Educação*, organizada por Orlando Miranda – que também foi Presidente da Escolinha de Arte do Brasil – e publicada no ano de 2009 pela Editora Teatral. Logo na apresentação da citada Coletânea, o organizador da edição explica que, ao reler os exemplares do respectivo jornal, percebeu juntamente com outras pessoas que fazem parte da Escolinha que se tratava de um vasto e precioso material, cujo conteúdo nos auxilia nas respostas a muitas questões que afligem atualmente a Educação brasileira.

A terceira refere-se a um documentário produzido e disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), cujo título é *Escolinha de Arte do Brasil* (1980). No citado documento, reúnem-se



diversos depoimentos de pessoas que contribuíram e vivenciaram o Movimento Educação pela Arte no Brasil. O documentário sobre a EAB aborda também a contribuição e a atuação de grandes mestres, além de Augusto Rodrigues.

Destacamos, ainda, que este ensaio é resultante de uma tese de doutorado, defendida em 2020 junto a um programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública cearense.

A relevância da presente investigação aponta a essencial reconstituição dos valores humanos defendidos pela Escolinha de Arte e publicados pelo Jornal *Arte & Educação*. Além disso, estudar o Movimento Escolinhas de Arte aguça em nós a vontade de compreensão acerca das raízes identitárias do que hoje conhecemos como Educação pela Arte no Brasil.

Ademais, Araújo *et al.* (2020) chamam a atenção para a necessidade de experiências artísticas geradoras de reflexão acerca do contexto cultural e social em que estamos inseridos, tendo as manifestações genuinamente artísticas como fio condutor para a ação e a formação de educadores.

Em complemento a esse debate, é fundamental compreender que “[...] a arte fornece palavras e imagens; bem como fornece imagens a partir de palavras e palavras a partir de imagens” (NEVES, 2019, p. 88).

## **2 AUGUSTO RODRIGUES: ARTISTA, POETA E EDUCADOR**

Augusto Rodrigues nasceu a 21 de abril de 1913, no Recife, filho de uma família tradicional e economicamente bem-sucedida. Foi Artista plástico, desenhista, pintor, Arte-educador, caricaturista, fotógrafo e poeta. Em 1934, na Associação dos Artistas Brasileiros, no Rio de Janeiro, expôs pela primeira vez ao lado de Candido Portinari, Guignard e outros artistas.

Vale ressaltar algumas experiências profissionais de Rodrigues, pois ele começou a trabalhar como ilustrador no *Diário de Pernambuco*. Logo após esse período de experiência, por volta dos vinte e quatro anos de idade, ele se transferiu para o Rio de Janeiro, pois, naquela época, a cidade do Recife não lhe



proporcionava ascensão profissional. Salientamos que, nos anos de 1920, a família Rodrigues já era conhecida na imprensa carioca, a começar pelo tio de Augusto Rodrigues, o então Mário Leite Rodrigues, proprietário de vários jornais, dentre os quais *A Manhã e Crítica*.

É importante mencionar que Augusto Rodrigues colaborou com diversos jornais brasileiros. Foi um grande caricaturista de Arte marcada pela irreverência e pelos traços do seu comportamento também.

Não podemos deixar de mencionar a Arte de Augusto Rodrigues como produto de resistência política e contestação perante o modelo cultural brasileiro difundido durante o Estado Novo, que teve vigência de 1937-1945. Rodrigues, também, utilizou a criação de charges para combater o nazifascismo.

O Artista recifense se notabilizou por ter sido o caricaturista brasileiro mais atuante durante o período da Segunda Guerra Mundial. Suas caricaturas tinham como personagem principal o nazista Adolf Hitler. Augusto Rodrigues fez da sua Arte instrumento de luta e comunicação e, assim, descreveu, de maneira tragicômica, o que estava acontecendo no Brasil e no mundo.

Dentre tantos legados desse Artista, destaca-se o pioneirismo no Movimento Escolinhas de Arte do Brasil em 1948. Conduziu um movimento nacional que anos mais tarde culminaria na inclusão da Arte no ensino público brasileiro; a essência desse Movimento era arrimada em princípios de liberdade.

O seu projeto auxiliou na expansão da Educação pela Arte neste país, pois o Brasil chegou a contar com pelo menos 150 Escolinhas de Arte no seu semicontinental território. Além disso, Rodrigues apoiou a criação de Escolinhas de Arte na América Latina e na Europa – especificamente em Portugal (1949). Desse modo, temos nesse Artista a referência histórica para aqueles que pesquisam ou desenvolvem a Educação pela Arte, bem como as experiências estéticas ocorridas no Brasil desde os anos de 1940.

Augusto Rodrigues prezava pela capacidade de expressão da criança por meio da Arte, porquanto “A livre expressão engloba uma vasta gama de atividades corporais e processos mentais” (READ, 2007, p. 136). Todavia, o mencionado Artista



plástico sempre valorizou a criação infantil, visto que as Escolinhas de Arte tinham como público majoritário as crianças.

Zoladz (1990) entrevistou Augusto Rodrigues em seu *atelier* e escreveu, de maneira poética, a biografia do Artista. Logo de início, a pesquisadora ressalta a autobiografia (etnobiografia) como necessária à fruição do pensamento, do deixar sentir, para que, dessa maneira, seja possível se desapegar dos aspectos puramente racionais.

Em relato biografado à citada professora para a composição do livro *Augusto Rodrigues: O Artista e a Arte, poeticamente*, publicado no ano de 1990, o Artista narra sobre a ausência de apreço para com a escola como instituição, pois suas memórias “dos tempos de escola” não eram as mais agradáveis, principalmente pelas várias vezes em que foi expulso das escolas por onde passou. Para tanto, o seu maior vínculo era com a cidade, com a rua. Ele dizia que aprendeu muito com a rua, que foi de grande importância para ele, de maneira que naquele ambiente “Encontrava pessoas as mais inimagináveis que só poderiam ter a rua como sua expressão [...]”. (ZOLADZ, 1990, p. 22). O Artista acrescenta que o seu interesse era o de observar as pessoas, como viviam e o que faziam na rua, ou seja, os sobrados, as casas e a paisagem imóvel da cidade concreta vinham em segundo plano.

Sobre a escola, Augusto Rodrigues foi categórico ao dizer: “A escola não coube em mim. Não deu” (ZOLADZ, 1990, p. 31). Associa, ainda, a experiência negativa com a escola a um professor que tivera: de acordo com as suas palavras, “[...] havia um professor que, quase maniacamente, quando me avistava, ia logo dizendo para que eu me retirasse da sala de aula [...] eu ficava surpreso e tive meus momentos de desespero” (ZOLADZ, 1990, p. 31). Segundo ele, o desespero era motivado pela comparação que fazia entre aquele procedimento docente/escolar com o tratamento que lhe era dado em casa, visto que seu pai propunha uma relação não tão rígida com os filhos.

Em suma, das amargas experiências escolares e das doces vivências familiares, nasceu o projeto Escolinha de Arte do Brasil. Assim, o Artista e poeta falou em relato biografado dizendo que a Escolinha “[...] se atém sobretudo a



respeitar a criança” (ZOLADZ, 1990, p. 31). Na mesma narrativa, o Artista se refere à Escolinha transpondo um interesse biográfico.

Em contraposição ao modelo educacional disciplinador, o Artista recifense deixou transparecer o quão seu modo de vida se aproxima do sentimento de liberdade proporcionado pela Arte. No que concerne a essa, porém, como valor estético necessário à formação, Augusto Rodrigues encontrava no seio familiar o apoio de que precisava para transitar entre a liberdade artística e a educação assentada na rigidez das instituições escolares.

Desse modo, a Arte nos transporta para fora de nós mesmos, e, como diz Bachelard (2003, p. 218), “Por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências”. Resistências e consistências são marcas do trabalho de muitos artistas.

A vida e a obra de Augusto Rodrigues são dotadas de imagens do cotidiano da cidade. Sua Arte acontece em meio à complexidade das relações do espaço urbano, como sua vida sucede no trânsito entre as duas cidades, Recife e Rio de Janeiro. Desse modo, o Artista atribui às duas metrópoles o sentido de “possibilidade”, eis que sua visão urbanizada se revela em memória afetiva, “[...] mais pelos seus significantes do que por seus significados”, como disse Roland Barthes (2012, p. 340). Para tanto, esses espaços estabelecem no Artista territórios de comunicação.

Sobre a relação com as pessoas e a cidade, Augusto Rodrigues fala acerca da sua “experiência urbana” em relato biografado a Zoladz:

É justamente dessa experiência que obtive uma visão menos fragmentária da cidade – basicamente subjetiva – resultando do isolamento que suscita. O que fiz foi incluir nas próprias formas de subjetividade os outros que, juntamente com os prédios, as praças, a movimentação das ruas, as vistas e os cheiros da cidade se integraram na minha experiência urbana (ZOLADZ, 1990, p. 23).

A progressiva experiência constituída pelo Artista entre as pessoas e a cidade transformam sua Arte em “traços esteticamente vivenciados”, demonstrando haver ordenação simbólica. Neste sentido, Rodrigues lembra o passado não como algo



pertencente apenas ao estado de nostalgia, mas também como uma maneira pela qual é possível sentir uma experiência longínqua.

Desse modo, as experiências são fontes de autoconhecimento, daquilo que somos e do que está por vir. As recordações, portanto, aguçam o imaginário e recriam o presente. Sendo assim, evidencia-se que, entre o artista e a obra de Arte, há íntima relação com as experiências, os acontecimentos de então e o cotidiano que o cerca. Para tanto, em se tratando das experiências acumuladas e da capacidade em aguçar os sentidos da percepção, Augusto Rodrigues descreve da seguinte maneira:

É útil se acrescentar que as experiências acumuladas aguçam a capacidade perceptiva. Tanto assim que, nos velhos, a memória vai como que desabrochar. Através dela dá-se a verificação da riqueza informativa que ela contém e eles passam a atender o que os permite fazer o novo, ligado a sua experiência (ZOLADZ, 1990, p. 29).

Em concordância com o relato de Augusto Rodrigues, o novo está ligado às experiências adquiridas por meio das imagens do passado. Em síntese, *a priori*, o ineditismo pode ser inexistente, porquanto o novo carrega em si vivências já experienciadas. Complementando o encadeamento lógico, Deleuze e Guattari (2010) comentam que todo conceito nasce de outro conceito, ou seja, as memórias do passado, o imaginário e as experimentações do cotidiano nos auxiliam no ato da criação. Rodrigues, todavia, assinala que “A intensidade das experiências é que vai marcar o homem criativo” (ZOLADZ, 1990, p. 29). Em resumo, o Artista está na obra à medida que a obra está no artista.

O Artista cita a Psicanálise como conhecimento que dá voz e sentido às reminiscências: “O que é a psicanálise, senão tornar o passado retroativo? Os passos dados para trás fazem caminhar para frente. Aí o passado e presente estão unificados e focalizados na memória que os clarifica” (ZOLADZ, 1990, p. 30). A memória, entretanto, retém aquilo outrora experimentado pelos sentidos.

### **3 O SURGIMENTO DA PRIMEIRA ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL (1948)**



A primeira Escolinha de Arte do Brasil foi criada em 08 de julho de 1948, na cidade do Rio de Janeiro, pelo seu idealizador Augusto Rodrigues. A princípio, a Escolinha funcionava no centro do Rio, especificamente no jardim da Biblioteca Castro Alves, espaço onde o Artista e educador recifense começou a dar vida ao seu projeto, principiando a Educação por intermédio da Arte para um grupo de crianças.

Em depoimento, Augusto Rodrigues explica acerca do surgimento do nome “Escolinha”. Segundo ele, quando a Escolinha começou suas atividades, a propensão era que se chamasse Escolinha Castro Alves, visto que funcionava nas dependências da citada biblioteca, no entanto, inicialmente, Rodrigues não quis impor nome à Escolinha e preferiu deixar que a necessidade de dar um nome viesse naturalmente; e assim aconteceu: foram as crianças que deram o nome de “Escolinha”, conforme anota:

[...] Aí é que surgem as crianças que já começavam a dizer: amanhã eu venho à Escolinha, e elas só chamavam de escolinha. Percebi de imediato que elas faziam uma distinção entre a escola institucional e aquele lugar que elas passavam a chamar de Escolinha. Escolinha, no diminutivo, com o componente afetivo. Uma era a escola onde ela ia aprender, a outra onde ela ia viver experiência, expandir-se, projetar-se. Então foram elas mesmas que deram o nome (BRASIL, 1980, p. 39).

Com base no depoimento em destaque, fica evidente o valor expressivo da Escolinha para a criança. Como bem disse Augusto Rodrigues, o nome era chamado no diminutivo acompanhado de afetividade. Para as crianças, era como se houvesse duas escolas, uma institucionalizada onde se aprendia aquilo que era preestabelecido por normas e regras, e a outra, no caso a “Escolinha”, onde se expandia a criatividade, vivendo e experienciando o mundo com liberdade.

Nesse sentido, cremos que as crianças gostavam de frequentar a Escolinha, principalmente pelo fato de haver uma certa agitação naquele espaço de maneira que o exercício da criatividade causa um estado de turbulência interna e, por vezes, externa. De modo complementar, “Não há expressão, sem agitação, sem



turbulência” (DEWEY, 2010, p. 148). Conseqüentemente, expressar-se é expulsar, seja algo de si para si ou para outrem.

Britto e Palma (2019) referem-se acerca das ideias que antecederam a criação da EAB, dizendo que, em 1941, o Conselho Britânico trouxe ao Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro uma exposição de desenho e pintura das crianças inglesas, cuja temática era a paz, pois naquele período os ingleses vivenciavam o horror da Segunda Guerra Mundial. Segundo eles, o crítico de Arte Herbert Read (1941) foi um dos articuladores da citada exposição, visitada por Augusto Rodrigues, Margareth Spencer, Mário Pedrosa, Lourenço Filho e outros. Neste aspecto, Britto e Palma dizem que “Segundo Augusto Rodrigues, um menino, observando os trabalhos, disse: *Isto eu também sei fazer*” (BRITO; PALMA, 2019, p. 20). No nosso entendimento, foi também por ocasião da visita à exposição de desenhos das crianças inglesas que Augusto Rodrigues ampliou suas ideias acerca da criação da Escolinha de Arte.

Para tanto, “Mais tarde, a convite da Helena Antipoff, fundadora da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Augusto desenvolveu atividades artísticas e recreativas com crianças e especiais em 1945” (BRITO; PALMA, 2019, p. 20). A educadora Zoé Chagas Freitas, em depoimento, complementa o que fora dito há pouco:

Para falar da Escolinha de Arte do Brasil, tem-se antes que falar de D. Helena Antipoff. Foi ela que, na década de 40, (por volta de 1945), chamou Augusto Rodrigues para um trabalho conjunto (BRASIL, 1980, p. 19).

Zoé fala, ainda, que, naquela época, a D. Helena (como a chamava) comparava escolas brasileiras com quartéis e hospitais, portanto teve a percepção da importância do projeto de Augusto Rodrigues e, assim, ajudou o Artista recifense a desenvolver seus ideais de Educação pela Arte, pois ela defendia que “[...] a Arte, como expressão livre e criadora, era o meio de educação por excelência, e que o artista tinha papel fundamental na educação – maior que o dos pedagogos e psicólogos” (BRASIL, 1980, p. 19). Finaliza dizendo que Augusto Rodrigues foi também professor das crianças adultas na Pestalozzi de D. Helena.



A proposta pedagógica da Escolinha foi se ampliando, suas ideias e experiências foram ganhando notoriedade até mesmo na imprensa e, portanto, foi necessário um espaço físico maior para dar continuidade as suas atividades. Britto e Palma (2019) explicam que a Escolinha foi para um espaço na rua México, porém, mais tarde, recebeu ordem de despejo e, em seguida, veio a se instalar “[...] na cobertura do prédio do Ministério de Viação e Obras Públicas, na Avenida Marechal Câmara, mediante articulação de Augusto Rodrigues e Zoé Freitas com o ministro Lúcio Meira” (BRITO; PALMA, 2019, p. 20). Neste aspecto, começamos a observar a itinerância da Escolinha em busca de espaço físico. De tal modo, percebe-se ainda a atuação de Zoé Freitas ante a criação da Escolinha de Arte do Rio de Janeiro.

O educador brasileiro Anísio Teixeira, admirador e apoiador do movimento da criação das Escolinhas de Arte do Brasil, em depoimento ao *Jornal Arte & Educação* de nº 1, de setembro de 1970, exalta o projeto do Artista recifense ao expressar que “A criação de Augusto Rodrigues cai já no conceito mais amplo de nosso século, representando inovação corajosa, que a sensibilidade do artista procurou disfarçar na designação mimosa e feliz de escolinha de Arte” (BRASIL, 1980, p. 64). Em seguida, descreve que a citada instituição se espalhava pelo Brasil, cujo principal objetivo era ofertar à criança momentos para atividades de criação artística. Ele diz ainda que a proposta da EAB representa no país “[...] alguma coisa que se podia considerar óbvia, e que, entretanto, é, no gênero, talvez, o que de mais significativo se faz entre nós no campo da educação infantil” (BRASIL, 1980, p. 64).

Anísio Teixeira, de maneira poética, fala da importância da Escolinha de Arte do Augusto Rodrigues:

Na imensa aridez da paisagem das escolas nacionais, paisagem que lembra aspectos de nossos desertos, as escolinhas de Arte são oásis de sombra e luz, em que as crianças se encontram consigo mesmas e com a alegria de viver [...] (BRASIL, 1980, p. 64).

Viver deliberadamente! e, como disse o educador ao *Jornal*, [...] “banida das escolas” convencionais de “retalhos de informação”, secos e duros como a vegetação habitual das zonas áridas” (BRASIL, 1980, p. 64). Para o educador há pouco citado, a Escolinha não é apenas uma inovação pedagógica. É, sobretudo,



inovação inerente ao conceito de Arte, visto não se tratar somente de uma atividade especial pertencente a criaturas excepcionais, mas atividade que tem relação com o senso humano da vida (BRASIL, 1980).

Para tanto, Anísio Teixeira continua o seu raciocínio acerca do que ele chamou de “senso humano da vida”, algo facilmente encontrado nas crianças, pois esse “senso” “[...] felizmente, ainda se pode encontrar nas crianças que não foram completamente deformadas pelos condicionamentos inevitáveis da instrução morta e fragmentada das escolas convencionais” (BRASIL, 1980, p. 64). Neste sentido, o educador afirma qual o verdadeiro propósito das Escolinhas de Arte de Augusto Rodrigues. Segundo ele, a EAB não intenciona “[...] ‘treinar’ artistas, mas a dar às crianças oportunidade para a mais educativa das atividades, a atividade da criação artística” (BRASIL, 1980, p. 64).

Fica evidente na definição, por meio das palavras do educador baiano Anísio Teixeira, que o objetivo da Educação pela Arte é o de ensinar às crianças o contato com a criação artística, uma vez que, para ele, essa atividade é classificada como a mais educativa.

Para Herbert Read (1986, p. 109), “A Arte é um princípio de crescimento vital, um desdobrar de aptidões interiores propiciando a experiência perceptiva, encarando essa experiência cognitivamente para dar-lhe unidade de forma”. Com base no que foi expresso, surgem outras reflexões no tocante à Arte como necessidade do homem contemporâneo de maneira que ela é capaz de dar conformação e materialidade à criatividade.

Dessa forma, finaliza-se essa seção sobre a criação da Escolinha de Arte do Brasil, destacando que, dentro da normalidade temporal, a EAB mudou de endereço algumas vezes. Atualmente, está localizada na Avenida Carlos Peixoto/RJ desde sua reinauguração em 20 de julho de 2000.



Figura 1 - Fachada da Escolinha de Arte do Brasil (RJ)



Fonte: Arquivo particular (2019).

Foram muitos os projetos e as campanhas realizados pela Escolinha de Arte do Brasil, nos quais se buscavam parcerias com diversos canais, sejam eles pertencentes à iniciativa pública ou privada, uma vez que a Escolinha era e ainda é uma instituição independente, mantendo-se por meio de muitas parcerias e ajuda mútua dos seus colaboradores e associados, pessoas que deram vida, identidade e materialidade à Escolinha de Arte do Brasil.

Dentre essas parcerias, citamos um trabalho realizado em 1959 em conjunto com a Nestlé - uma campanha natalina, a qual propunha: “Faça você mesmo o seu cartão de Natal”. Para tanto,



A visão panorâmica dos projetos e campanhas desenvolvidos pela Escolinha de Arte do Brasil e pelas entidades que a ela se associaram, aponta para o aprofundamento dos valores mais arraigadamente humanos e nacionais [...] (BRASIL, 1980, p. 102).

Neste aspecto, durante todos esses anos de existência, a EAB buscou manter seus fundamentos, arrimados em uma filosofia de “[...] respeito pela criança e liberdade de expressão. Da combinação desses elementos, um leque enorme de possibilidades: projetos para hoje e amanhã [...]” (BRASIL, 1980, p. 102). Basicamente, os trabalhos realizados pela Escolinha de Arte estiveram direcionados ao público infantil, sempre na defesa da liberdade da criança.

#### **4 ARTE & EDUCAÇÃO – O JORNAL DA ESCOLINHA (1970)**

Para falar da criação do *Jornal Arte & Educação*, certamente a pessoa mais indicada é o primeiro editor do citado jornal, o professor Jader de Medeiros Britto. Vale destacar o fato de que o depoimento a seguir faz parte do documentário divulgado pelo INEP, o qual é de domínio público e encontra-se nas referências dessa investigação.

Jader Britto explica como se deu a primeira publicação do jornal de número zero em setembro de 1970. Começa descrevendo que foi necessário reunir a matéria para composição desse número, que, por sua vez, continha:

[...] (artigos, relatos de experiências, entrevistas, notícias, desenhos de crianças, fotografias) e definiu sua programação visual, em que pode contar com a assistência estimulante de Zivaldo, fui com Zoé à oficina gráfica de O Dia, onde o jornal *Arte & Educação* passou a ser composto e impresso. Contribuíram para esse número, com artigos especiais, o professor Anísio Teixeira, a prof<sup>a</sup> Maria Helena Novaes Mira, o Dr. Pedro Ferreira, a Dra. Nise da Silveira e outros. Em setembro de 1970 circulou o número zero (BRASIL, 1980, p. 104).

Para ilustrar esse diálogo, mostramos a imagem da primeira edição do Jornal:



Figura 2 - Número zero do Jornal *Arte & Educação* da EAB - setembro de 1970



Fonte: *Coletânea do Jornal de Arte e Educação* (MIRANDA, 2009, p. 07).

O exemplar há pouco demonstrado compõe a primeira página da Coletânea organizada por Orlando Miranda. Daí o motivo da nossa opção pela imagem, visto que ela marca o início da periodização do Jornal *Arte & Educação*. Além disso, o conteúdo da edição em destaque traz um texto escrito por Augusto Rodrigues, em que ele exhibe os principais objetivos da Escolinha. Segundo ele, as Escolinhas de Arte davam sequência aos princípios de uma nova Educação por via da Arte, já sistematizada na obra clássica do inglês Herbert Read (2007). Vale destacar que o desenho reproduzido no periódico é de autoria da menina Virgínia, de apenas seis anos de idade e aluna da Escolinha, conforme descrição disposta no próprio periódico.



No jornal retrocitado, Augusto Rodrigues informa que a matriz do Movimento Escolinhas de Arte do Brasil se esforçava na formação de crianças e jovens, auxiliando na renovação do sistema de ensino, mediante a oferta de cursos e estágios para professores em diversos níveis e âmbitos da atividade artística, sempre inter-relacionado com a Educação.

O Artista revela que a criação do periódico *Arte & Educação* tinha a intenção de promover o intercâmbio das Escolinhas de Arte do Brasil e do exterior, cuja pretensão era, ainda, documentar o que ele chamou de “labor criativo”, ou seja, o trabalho criativo propiciado pelo fazer artístico, e assim compartilhar vivências por meio da socialização de pesquisas, bem como comunicar o público acerca das experiências atuais da educação, assentadas nos ideais de liberdade e criatividade, que deveriam estar, também, a serviço da paz.

Nossas reflexões transportam-nos ao entendimento de que o Jornal *Arte & Educação* contribuiu para informar e formar os professores brasileiros. Esse argumento encontra respaldo nas palavras do prof. Paulo Alberto Monteiro de Barros (nome real do jornalista que adotou o pseudônimo de Artur da Távola) – membro do Conselho Editorial do respectivo jornal:

Faço parte do Conselho Editorial do jornal *Arte & Educação*, que considero muito importante por ser a única contribuição para o professorado do Brasil que liga todas as ciências, técnicas e Artes que estão relacionadas com a educação. É um repositório da reflexão brasileira sobre esse tema [...] O curioso desse jornal é que ele tendo uma tiragem pequena, é simplesmente devorado pelas professoras, tal a carência de publicação especializada (BRASIL, 1980, p. 104).

O que está posto acima revela a rica contribuição formativa do jornal da Escolinha. Como dito na citação, o jornal tinha uma tiragem reduzida, porém era simplesmente “devorado pelas professoras” de maneira que, naquela época, como o Brasil não dispunha de publicação especializada e direcionada ao público docente, o *Arte & Educação* assumiu essa função, embora não fosse o objetivo inicial do periódico em foco. Para Ferraz e Fusari (2009, p. 140), “Os conteúdos escolares têm origem nos conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela



humanidade”. É essencial que se reflita sobre os distintos saberes que compõem a formação dos professores.

Para Ana Mae Barbosa (2015, p. 55), “A Arte serve a instituição escolar para mostrar abertura e ausência de preconceito contra as ciências humanas e contra a criação”. Portanto, formar e educar por meio da Arte devem estar ausentes de preconceitos, mas a Arte é um valor humano e deve ser requerida nos espaços formativos.

O *Arte & Educação* abordava a temática da Arte mediante diversas áreas do conhecimento e da cultura, pois as pessoas que contribuía com o Jornal buscavam tratar o tema Educação pela Arte por meio de uma visão que não fosse somente eurocêntrica, buscando, porém, interligar os saberes que eram também produzidos em terras brasileiras, reunindo elementos culturais e etnográficos das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Foi desse repertório de notícias e sensibilidades que o Jornal *Arte & Educação* ganhou notoriedade e tornou-se o maior veículo de informação no terreno da Educação e de formação de professores nos anos de 1970. Para tanto, esse Jornal também noticiou um rico projeto realizado pela Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (SOBREART), entretanto estamos falando do projeto “O Brasil visto por Suas Crianças”.

A proposta da Sobreart era criar uma iniciativa em que crianças de todo o país representassem o Brasil em seus aspectos culturais e socioeconômicos. Na fase final do projeto, seriam selecionados 400 desenhos da citada representação para composição e publicação de um livro intitulado “*O Brasil Visto por Suas Crianças*”.

A iniciativa ora mencionada estabeleceu que, em decorrência da complexidade do projeto, a Sobreart resolveu começar a proposta por um estado brasileiro, sendo o Piauí o escolhido, o que se deu mediante a receptividade do governo piauiense no tocante ao projeto e seus objetivos, visto que classificou a proposta como incentivo ao desenvolvimento dos seus planos renovadores no âmbito da Educação.



Vejamos, portanto, no quadro a seguir, breve esboço da estrutura técnica do projeto:

Quadro 1 - Esboço do Projeto *O Estado visto por suas Crianças*

OBJETIVOS	TEMAS INCENTIVADORES
<b>Principal:</b> obter um conjunto de 10.000 desenhos representativos da realidade de cada Estado; fazer uma seleção de 60 trabalhos para a publicação de um livro: <i>O Estado... Visto por Suas Crianças</i> .	Os professores devem considerar os vários aspectos de sua região.
<b>Objetivos Complementares:</b> Promover a integração da criança em seu meio através de sua experiência criativa e incentivada pelo educador-professor, pais e elementos da comunidade.	<b>Sugestões quanto ao Material:</b> Em parte, o material para as atividades – desenho e pintura – será dado pela coordenação do projeto: bloco de desenho, lápis-cera (em cores), tinta guache, pincéis (trincha e redondos), canetas hidrográficas, pincéis atômicos, papel almaço sem pauta.
OBJETIVOS	TEMAS INCENTIVADORES
Despertar a família e a comunidade para os problemas peculiares da infância e de seu mundo.	<b>Organização e Desenvolvimento:</b> Representatividade e participação das crianças; preparação dos colaboradores; outras atividades a serem desenvolvidas; seleção dos desenhos; exposições; folheto e livro.
Estimular a atualização do educador para que possa, através da Arte, animar as várias áreas do ensino fundamental.	<b>O Estado ... visto por suas Crianças:</b> Para essa promoção, a imagem da criança será a grande contribuição. Serão selecionados 60 desenhos representativos dos objetivos do projeto.
Colaborar com os professores na integração dos princípios e métodos de educação criadora na dinâmica criadora.	O livro terá um aspecto didático aliado ao poético, sempre inerente à infância.
NÚCLEO DO PROJETO:	
<b>Ideias Básicas:</b> Criatividade do homem; motivação na educação criadora; função integradora das experiências criativas; participação interessada sem competição.	<b>Duração:</b> A implantação do projeto na escola ou em outros locais, nas diferentes regiões e sub-regiões, poderá ser desenvolvida entre 20 e 30 dias.

Fonte: *Coletânea do Jornal de Arte e Educação* (MIRANDA, 2009, p. 234).

Assim, o projeto foi bem estruturado, conduzindo em seu escopo a orientação da publicação de um livro, bem como clareza nos objetivos e nas ideias básicas. O projeto *O Brasil visto pelas suas Crianças*, contudo, tinha como intento obter imagens representadas por crianças com idade de seis a doze anos. Na ocasião, eram aceitos desenhos de crianças escolarizadas e não escolarizadas, envolvendo a participação de pais, professores e demais membros da comunidade.

Ao refletirmos sobre essas ações em prol da inclusão da Arte na infância, percebemos o quanto o *Jornal Arte & Educação* foi fiel aos ideais difundidos pela



Escolinha de Arte do Brasil, bem como pelo seu idealizador Augusto Rodrigues. Neste sentido, a proposta do projeto ora mencionado vai ao encontro daquilo que deve ser o verdadeiro sentido da Arte na infância: “A Arte infantil precisa ser respeitada e compreendida na própria medida em que constitui a extensão de seu “eu” e a organização de suas relações com o mundo [...]” (DUARTE JR., 2008, p. 116). Além disso, a Arte infantil comporta em si o desenvolvimento da consciência do ser e da formação da personalidade.

Por meio do projeto maior – *O Brasil visto pelas suas Crianças*, surgiram outros, como “O Rio visto pelas suas Crianças”. Conforme matéria do Jornal *Arte & Educação*, os desenhos foram exibidos em uma exposição do professor Augusto Rodrigues na data de 27 de dezembro de 1974. A referida exposição foi inaugurada na sede do Banco do Estado da Guanabara, patrocinada pela Secretaria de Educação com o apoio da Escolinha de Arte do Brasil e da Sobreart. Na ocasião, Augusto Rodrigues classificou os objetivos pedagógicos do projeto que deu origem à exposição, “destacando a interação da criança com o meio natural e cultural, o conhecimento que ela desenvolve da realidade externa e sobretudo de seu próprio corpo” (COLETÂNEA DO JORNAL ARTE & EDUCAÇÃO, 2009, p.72).

A elaboração esquemática do projeto “O Estado visto pelas suas Crianças” nos direciona a uma compreensão acerca do papel da Arte como socializadora de sentimentos. Para Vygotsky (1999, p. 315), “[.] a Arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais de nosso ser”. Para o citado psicólogo bielorusso, o correto seria afirmar que o sentimento não se torna social, porém é o contrário, de maneira que ele se torna pessoal, pois “[...] quando cada um de nós vivencia uma obra de Arte, converte-se em pessoal sem com isso deixar de continuar social”. (VYGOTSKY, 1999, p. 315). A Arte, todavia, não se limita à única função social, uma vez que ela mexe com os nossos aspectos mais íntimos.

Em continuidade ao diálogo acerca do jornal da Escolinha, não podíamos deixar de mencionar um acontecimento histórico que marcou a fase de ouro da Escolinha: a visita do pioneiro do Movimento da Educação pela Arte no mundo, o



britânico Herbert Read, à Escolinha de Arte do Rio de Janeiro no ano de 1953, que, por sua vez, foi noticiada no Jornal *Arte & Educação*.

A médica psiquiatra Nise da Silveira escreveu um artigo cujo título é *Herbert Read: em memória*, escrito que se encontra no jornal em foco. A psiquiatra, ao falar do trabalho de Read, leciona que

Se é válida a tese apresentada por Herbert Read de que ao longo da história da Humanidade a Arte ajudou o pensamento a estruturar-se e a consciência a desenvolver-se, poderemos admitir que a atividade artística seja também um instrumento útil para a reestruturação da vida psíquica fragmentada devido a condições patológicas (BRASIL, 1980, p. 85).

De acordo com o que foi expresso, acolitado por nosso entendimento, Nise acreditava no potencial da atividade artística como um meio pelo qual se faz viável a reestruturação da vida psíquica fragmentada por fatores patológicos, conforme bem descreveu. Para Nise da Silveira, na realidade contemporânea, Herbert Read se assemelha a Jung no que diz respeito à contracorrente às ideias dominantes. Isso porque as obras dos citados pensadores dão ênfase “[...] aos poderes do inconsciente, representam compensação e contrapeso para um mundo que valoriza de modo quase exclusivo a razão consciente. E por isso mesmo é insensato” (BRASIL, 1980, p. 85).

Nesse mesmo raciocínio, Herbert Read (2007, p. 241) leciona: “Somos ameaçados por um caminho assustador, por guerras e revoluções que não são mais do que epidemias psíquicas”. A vida psíquica exerce poder sobre o mundo e, por vezes, excede esse poder, superando e ceifando todas as outras modalidades de vida. Em outro trecho do artigo publicado no Jornal *Arte & Educação*, Nise da Silveira defende o ponto de vista conforme o qual “[...] as emoções que não aprendemos a exprimir nem a purgar (catarse), manifestam-se quase sempre distorcidas e, não raro, irrompem violentas produzindo situações que depois são lamentadas” (MIRANDA, 2009, p. 11).

Por este motivo, compreendemos o quanto a Educação pela Arte e a imaginação são fundamentais à constituição da vida interior das pessoas. Elas são



capazes de harmonizar as emoções, auxiliando na organização das atividades psíquicas dos sujeitos.

Nesse aspecto, o filósofo e poeta francês complementa: “Com sua atividade viva, a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro” (BACHELARD, 2003, p. 18). Nesse mesmo raciocínio, acrescentamos que a vida criativa depende dos substratos do passado, da realidade, da Arte e da imaginação.

Em meio a tantas contribuições para o periódico da Escolinha, o primeiro editor do *Arte & Educação* Jader Britto acentua que “O número zero teve uma distribuição de 3 mil exemplares, esgotada. Depois, com Augusto como editor, passou a 5 mil exemplares” (BRASIL, 1980, p. 104). O citado editor diz recordar-se da maior tiragem do jornal, que foi cerca de 8 mil exemplares, referente à temática educação pré-primária.

Destaca-se o fato de que, para o número sobre Educação pré-primária, foi solicitada uma tiragem maior para um congresso que aconteceria em São Paulo, coordenado pela Organização Mundial de Educação Pré-escolar (OMEP) (BRASIL, 1980). Então, cumpre-se afirmar a função social e educativa do Jornal *Arte & Educação*, de maneira que a circulação do citado periódico não visava apenas a informar, mas, sobretudo, formar, desenvolver o conhecimento por intermédio da Arte e fazer circular as ideias pelo Brasil e mundo afora.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Augusto Rodrigues influenciou toda uma geração de Arte-educadores e educadoras no Brasil e em outros países que tiveram conhecimento acerca da sua vida, sua obra e seu trabalho. A Escolinha de Arte do Rio de Janeiro, que tivemos a oportunidade de conhecer, é um recanto da identidade e da memória desse Artista, poeta e professor. Portanto, a EAB é parte significativa da nossa história e luta em defesa da Educação pela Arte.



Por meio dos estudos e pesquisas, foi possível compreender que Augusto Rodrigues foi um incentivador da criatividade infantil. Reconhecia na criança os princípios de uma educação criadora, alicerçada em ideais de liberdade.

Em complemento ao exposto, ressaltamos, ainda, a importância do Movimento Educação pela Arte, movimento esse que revolucionou o modo de pensar a Educação na perspectiva do fazer criativo. Assim, abriu fronteiras para se pensar em uma nova e diferente modalidade de educar, cujo principal meio é a linguagem da Arte.

No tocante ao Movimento Escolinhas de Arte do Brasil, esse texto exprimiu, por via de dados teóricos e hemerográficos, evidências acerca do pioneirismo do Brasil em relação aos demais países que também criaram suas Escolinhas de Arte.

Por tal pretexto, trazemos a narrativa acerca de alguns achados dessa investigação, além de outras conclusões que foram surgindo à medida que fomos nos apropriando do nosso objeto de estudo:

- o Jornal *Arte & Educação* é um dos maiores legados da Escolinha de Arte do Brasil, essencialmente, para quem desenvolve pesquisas no âmbito da História da Educação, Arte-Educação, Psicologia da Educação e das Ciências Sociais de modo geral.
- o periódico da Escolinha, todavia, ainda que indiretamente, foi se engendrando para um campo formativo, principalmente, por tratar de pontos relacionados à cultura popular, à Psicologia da Educação e outros enfoques geradores de debate no âmbito da realidade educacional brasileira.
- de acordo com essa pesquisa, o *Arte & Educação* foi um dos primeiros periódicos de circulação de ideias voltadas ao campo não somente da Educação através da Arte, mas da Educação em diversos contextos formativos e expressivos. Para fins comparativos e comprobatórios, vale destacar que a primeira edição da renomada Revista *Nova Escola* ocorreu em março de 1986, ou seja, dezesseis anos após o número zero do Jornal da Escolinha. Tal fato revela o legado, a



importância e a contribuição do periódico da EAB para a história e a memória da educação brasileira.

O Jornal da Escolinha é uma fonte inesgotável de conhecimento, repleto de experiências formativas de Arte e afeto. Os textos escritos e imagéticos contidos no jornal nos apontam um Brasil culturalmente heterogêneo, miscigenado, onde a Arte é dialogada tanto no âmbito da erudição como também na linguagem popular, que está nas mais diversas regiões desse país. Por tal pretexto, resumiremos nossas reflexões acerca deste segmento por meio das palavras de Bachelard (2003, p. 116) ao lecionar que “O ninho do homem, o mundo do homem, jamais termina. E a imaginação ajuda a continuá-lo!”.

Por fim, acrescentamos que o movimento da criação das Escolinhas de Arte do Brasil foi um acontecimento específico, diferenciado dos demais movimentos voltados para o campo da Arte, porém um movimento que não merece ser soterrado pela amnésia histórica e cultural que parece tomar conta das pessoas e das instituições educacionais do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regiane Rodrigues *et al.* Contribuições do patrimônio cultural da arte cearense para a formação de professores na dimensão estética da docência. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 13, p. 72-85, mai. 2020 (Dossiê – Educação, Patrimônio e Paisagens Culturais). Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3453>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BRASIL, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais. **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília, 1980. (Estudos e Pesquisas). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002413.pdf>. Acesso em: 5 set. 2020.

BRITTO, Jader de Medeiros; PALMA, Alexandre (org). **Escolinha de Arte do Brasil: memória e legado**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DEWEY, John. **A arte como experiência.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da educação.** 10. ed. Campinas: Papirus, 2008.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MIRANDA, Orlando (org). **Coletânea do Jornal de Arte e Educação.** (Ilustração de Ziraldo). Rio de Janeiro: Teatral, 2009.

NEVES, Libéria Rodrigues. Arte e conhecimento: uma abordagem para o teatro na educação. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Santa Catarina, V. 15, n. 2, p. 78-98, Abril/Junho. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13175>. Acesso em: 12 jul. 2021.

READ, Herbert. **A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte.** Tradução de Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

READ, Herbert. **Educação pela Arte.** Tradução de Ana Maria Rabaça e Luís Filipe Silva Teixeira. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZOLADZ, Rosza W. Vel. **Augusto Rodrigues: O Artista e a Arte, poeticamente.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1990.

**Recebido** em 17/03/2022

**Aprovado** em 19/12/2022



Esta revista está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*